



BOLETIM INFORMATIVO

EDIÇÃO ESPECIAL

Este número do boletim informativo do ICS é o último editado pela equipa que assegurou a Presidência do Instituto desde maio de 2019. No fim de um mandato com 2/3 do tempo vivido em pandemia, destacamos algumas realizações e resultados da Unidade Orgânica. Partilhamos também uma entrevista com Albertino Gonçalves, o professor cientificamente “indisciplinado” do Departamento de Sociologia, que se aposentou em novembro de 2021.

Paula Remoaldo vai ser a nova Presidente do ICS

O Conselho do Instituto foi unânime na eleição de Paula Remoaldo. Todos os membros presentes na reunião de 20 de abril votaram na única candidatura apresentada. Na nova equipa assumirão funções de vice-presidente Alexandra Esteves, do Departamento de História, Ana Melo, do Departamento de Ciências da Comunicação, e Maria José Caldeira, do Departamento de Geografia. Os resultados já foram homologados, aguardando-se ainda o agendamento da tomada de posse. 🕒



Créditos das fotos: Luis António Santos

CCDR-N aprova financiamento de 1.1 milhões de Euros para o Centro Audiovisual e Multimédia do ICS

O orçamento total é de 1.3 milhões de Euros, mas apenas 195 mil terão de ser garantidos pela Universidade do Minho. O projeto foi aprovado pela CCDR-N como Centro de Valorização e Transferência Tecnológica, com uma comparticipação de 85%.

A notificação que confirma em definitivo o financiamento—recebida no dia 22 de abril—declara a elegibilidade total do investimento, razão por que à candidatura apresentada em dezembro foi agora atribuído um fundo de 1.1 milhões de Euros. Com efeitos retroativos a julho de 2021, data em que poderiam ter começado as operações a financiar, este apoio vai cobrir quase a totalidade das despesas relativas à empreitada de construção civil que se iniciou no final de setembro,

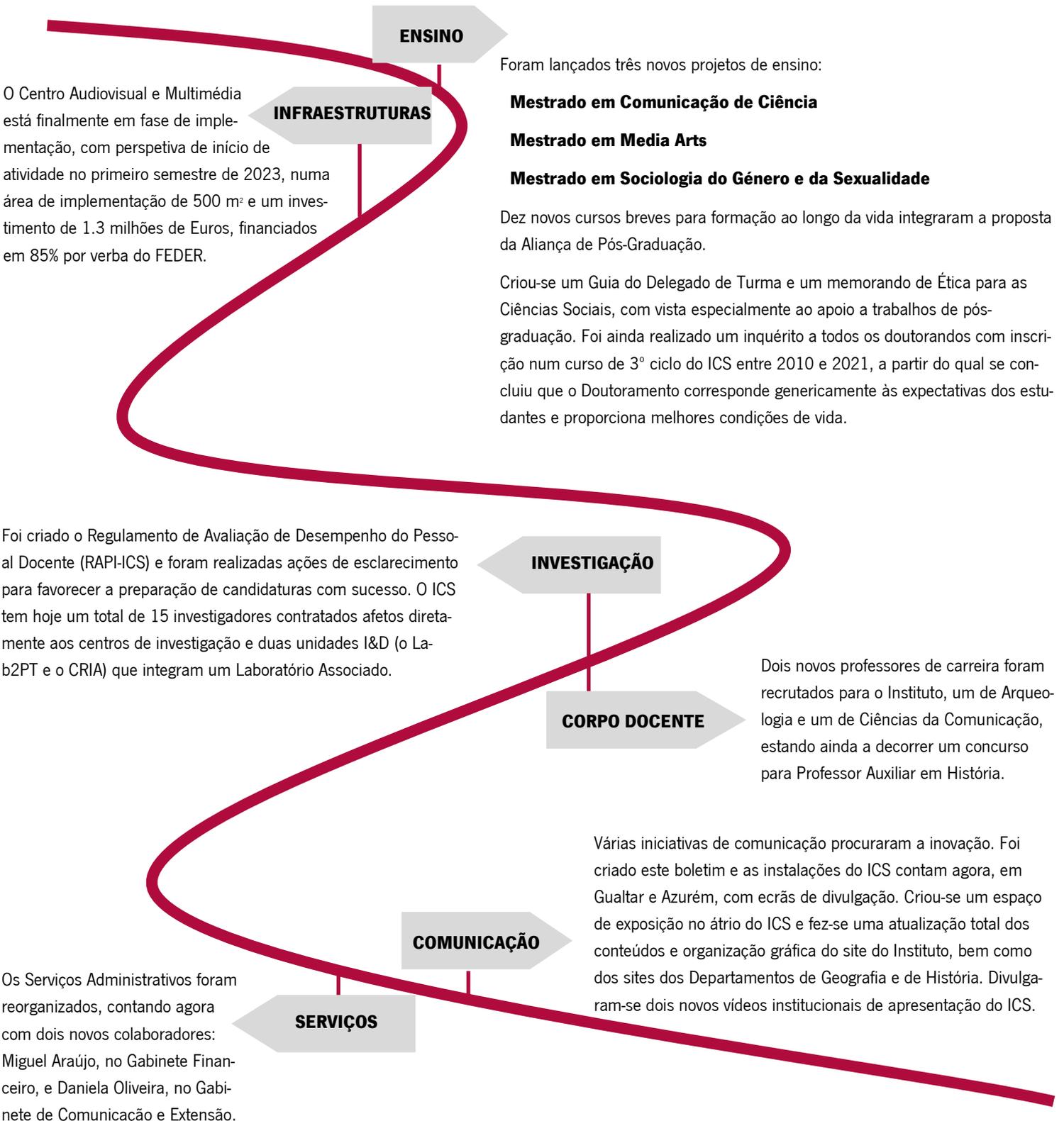
assim como todo o equipamento mobiliário (fixo, administrativo e de cenografia), equipamento audiovisual e tecnologias de informação.

Apesar de o prazo de execução se estender até junho de 2023, as próximas etapas poderão arrancar já a muito breve prazo, com a abertura dos próximos concursos de contratação para aquisição dos equipamentos. Ao ritmo a que o projeto está a decorrer, a expectativa do grupo que no ICS acompanha a obra é a de que o espaço possa começar a ser utilizado durante o segundo semestre do próximo ano letivo.

Com esta nova infraestrutura, o ICS terá condições mais adequadas para a formação nas áreas do Audiovisual e Multimédia. Poderá também, criar oportunidades para as indústrias criativas da região. 🕒

O ICS é uma Unidade Orgânica que acompanha os desafios sociais e culturais. Os três anos que decorreram desde maio de 2019, quando a equipa agora cessante assumiu a Presidência do Instituto, foram marcados especialmente pela experiência da pandemia. Na sua vocação para compreender o tempo e a forma como nos organizamos coletivamente para a vida em sociedade, o ICS não estacionou, no entanto, à espera do fim da crise. Incorporou-a como contexto de ação.

Em todos os domínios, o retrato que hoje fazemos é o de uma escola inquieta, mobilizada pela ideia de que produzir conhecimento é uma missão transformadora. No primeiro número desta publicação, a Presidente agora em fim de funções, Helena Machado, dizia que “as Ciências Sociais são as ciências da vida, por excelência”. Da vida da nossa comunidade fomos dando conta todos meses. E dela agora fixamos também, em síntese, alguns traços do que mudou e de novos caminhos (nalguns casos iniciados antes de 2019, mas que se concretizaram neste período).



As pessoas

Não obstante o impacto das realizações e das mudanças, são as pessoas do ICS que mais se destacam nos últimos três anos. Participando em atividades institucionais, assumindo cargos ou recebendo reconhecimento público pelas suas trajetórias, muitos membros do ICS têm tido uma atuação implicada e comprometida com a vida da academia. Num período em que se aposentaram seis professores, muitos outros deram continuidade ao compromisso do Instituto com a Universidade do Minho e a comunidade.

Sem desmérito dos cargos internos que muitos exerceram neste período em comissões diretivas de cursos ou na direção de departamentos e unidades de investigação, e correndo o risco de omitir nomes ou posições que mereceriam igual menção, assinalamos pelo menos alguns exemplos da expressão coletiva das pessoas do ICS, um corpo em rede, conectado com a vida da instituição.



Manuela Martins

Vice-Reitora para a Cultura (2017-2021)
Diretora da UMinho Editora e da Unidade Cultural de Arqueologia

Helena Sousa

Presidente do Conselho Cultural (2019-2021)
Membro do Conselho de Ética

Moisés de Lemos Martins

Diretor da Unidade Cultural Museu Virtual da Lusofonia
Recebeu a Insignia de Ouro da Universidade de Santiago de Compostela

Luís António Santos

Membro do Conselho Geral

Miguel Bandeira

Presidente do Conselho Cultural (2022-...)

Helena Machado

Membro do Grupo de Trabalho para a Prevenção do Assédio
Prémio de Mérito Científico em 2022

António Lázaro

Diretor do Instituto Confúcio

José Gabriel Andrade

Diretor da Unidade Cultural Casa do Conhecimento

Aníbal Alves

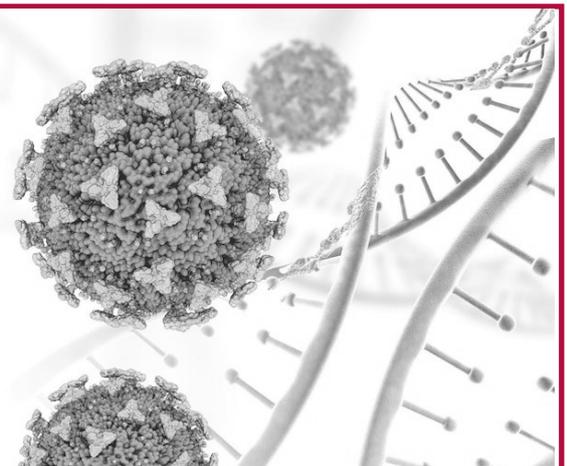
Provedor institucional da Universidade do Minho

Teresa Ruão

Pró-Reitora para a Comunicação Institucional (2021-...)

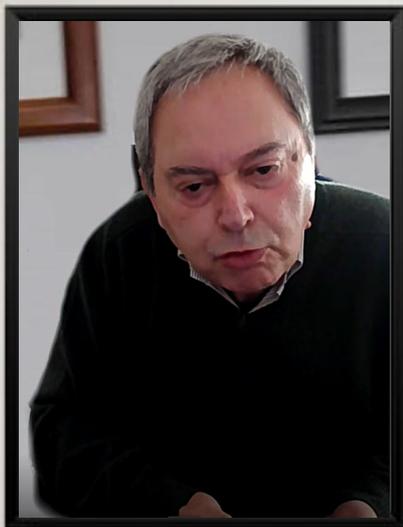
A pandemia

Uma retrospectiva dos últimos três anos não pode também ignorar a experiência da pandemia. O ICS foi a primeira Unidade Orgânica da Universidade do Minho a enfrentar a crise sanitária. A 7 de março de 2020, as portas do Instituto fecharam-se inesperadamente, subvertendo o curso dos planos de ensino e de investigação e exigindo uma capacidade de adaptação sem aviso prévio. Em poucos dias, reorganizaram-se os serviços para a inédita necessidade de trabalhar à distância, reconfiguraram-se as atividades letivas e procuraram-se novas formas de manter em funcionamento todas as valências da escola. Adaptaram-se espaços para garantir a segurança, desenhou-se um plano de contingência e criou-se um gabinete de comunicação e gestão de crise. ☉



Albertino Gonçalves

“Um professor é um agitador de consciências, alguém que não deixa as cabeças tranquilas”



Entrevista: Madalena Oliveira
Imagens: capturas de ecrã Zoom

Reconhece-se como um indisciplinado, que gosta de fazer investigação vadia. Quando era professor, “não ia só dar aulas, ia fazer uma performance”. Sempre foi de saborear o que faz e de fazer coisas de que gosta. Albertino Gonçalves aposentou-se do Departamento de Sociologia em novembro passado, um pouco antes do tempo, na sequência de uma baixa médica prolongada.

Saiu da Universidade por razões de saúde. Ainda assim, a aposentação está a ser uma nova fase com novos horizontes?

Há, de facto, um alívio do enquadramento das obrigações académicas, que acabaram por ser cada vez mais pesadas e cada vez menos compensadoras. O que a universidade nos pede agora é menos empolgante, é menos criativo e ao mesmo tempo mais compulsivo. **“O facto de estar na reforma e não ter prazos, sobretudo não ter quantificações, não estar no mercado dos pontos... isso faz uma diferença muito grande.”** Disso há uma nova libertação, que é uma libertação muito grata. Haveria o risco de entrar numa espécie de vazio. No meu caso, o vazio não é evidente porque grande parte da minha atividade já era fora da universidade (para as autarquias, os museus...). E essa atividade não diminuiu. Antes pelo contrário, até aumentou. Foi sempre nessa atividade que mais investi. Quer do ponto de vista do trabalho quer do ponto de vista da gratificação pessoal.

E das atividades letivas? Não sente falta?

Aquilo de que eu mais sinto falta é do ensino.

Para mim, dar aulas era um jogo, era um desafio, o espetáculo. Eu não ia só dar aulas, eu ia fazer uma performance. Eu tinha um prazer imenso em dar aulas e interagir com os alunos. Terei ainda algumas possibilidades nesse domínio. Poderei dar uma ou outra aula no Departamento e estou a preparar aulas abertas públicas. Uma das coisas que dá mais gozo em dar aulas é prepará-las.

Continua a preparar aulas, mesmo sabendo que pode não as dar?

Eu tenho uma escapatória para isso. É o meu blogue, o *Tendências do Imaginário*, que é um conjunto de preparações de aulas. São esboços de aulas. Cada artigo ou cada sequência de artigos dá uma aula.

Eu extravaso ali uma parte da minha criatividade de diária. O *Tendências do Imaginário* é um vício, um vício muito compensador.

Sente que está numa fase que lhe permite mais o deslumbamento, sem os constrangimentos que terão os jovens investi-

gadores de contabilizar desempenho?

Eu sempre fui de saborear o que faço, de tirar o máximo prazer das coisas que faço. Também fui sempre de trabalhar só em coisas de que gostava. Mas há, de facto, uma diferença grande. Uma primeira questão é a lentidão, que é fundamental. Depois a abertura ao diálogo e a possibilidade de se perder. O gosto por se perder na procura pode fazer alguns entrar em pânico, mas para outros é um prazer, é um desafio. Eu não me importo nada de me perder. Isto é ver a investigação como deambulação. O facto de estar na reforma e não ter prazos, sobretudo não ter quantificações, não estar no mercado dos pontos... isso faz uma diferença muito grande. Para mim, já não conta onde vou chegar (se vou escrever um artigo), já não me interessa o caminho (o método, o como). O que me interessa é caminhar. Quando a gente sai dos caminhos, o espanto, o deslumbamento, as epifanias acontecem. Duram pouco, porque os deslumbamentos por vezes são ilusões, mas em termos de gratificação psicológica são ótimos.

Mas foi professor de metodologias... não é contraditório que não lhe interessem os métodos?

Não. Os métodos são muito bons como disciplina. São muito maus se a gente os elegeu como os únicos companheiros de viagem. E são muito maus se a gente se esquecer de coisas fundamentais. Um princípio muito simples, por exemplo: se se quer fazer uma boa investigação tem de se ter uma boa cultura geral. Não há coisas que façam fásca se não tivermos uma boa cultura geral. Nós não dizemos isso na universidade. Também é importante perder tempo a olhar minúcias.

Para isso é preciso uma certa indisciplina?

É isso. Uma certa indisciplina e uma grande vontade de aprender. Não só de provar conhecimento, de produzir conhecimento, mas de se abrir ao que pode acontecer.

Produzir conhecimento e aprender não são coisas coincidentes?

Muitas vezes pouco se aprende com o que os cientistas fazem mais, que é a validação e a prova. O que nós ensinamos aos alunos é a criar hipóteses, fazer um modelo de análise e depois verificar. Está-se a ver o empobrecimento que isso é? Muitas vezes não apostamos na abertura e na descoberta permanente. Nós perdemos imenso tempo com a prova.

Está aí uma certa crítica ao positivismo científico...

Há aqui uma certa crítica ao positivismo científico, sim, e a uma ritualização da investigação.

Considera que a vocação da universidade se tem deslocado da investigação fundamental e do espírito de descoberta para uma ideia de intervenção social, na perspetiva do impacto?

Há uma parte de intervenção social que foi sempre muito importante na universidade, que foi a intervenção intelectual. Muitos professores da universidade foram interventores políticos e

ideológicos. Poucos se privaram de ter uma ação social forte. Esse é um tipo de intervenção que a universidade teve muito e está a ter cada vez menos. A figura do intelectual praticamente desapareceu. A figura do professor como alguém que é “a voz de” praticamente desapareceu. Essa intervenção definiu. Aumentou a intervenção no sentido de nós sermos úteis de uma forma pragmática, no sentido de as nossas capacidades serem mobilizadas para resolver problemas. Esta forma de intervenção está a aumentar em todas as ciências, não é só nas ciências sociais. A investigação-ação tem, no entanto, por vezes equívocos. É preciso que todas as partes estejam realmente envolvidas. Neste tipo de investigação deve-se estar permanentemente a ouvir e a prestar contas. E é preciso que fique alguma coisa.

É também nesse sentido que o sociólogo tem de estar sempre aberto à comunidade?

Eu tenho a sensação de que, pelo menos para a minha geração, quem foi para a Sociologia foi com a ideia de que ia fazer bem à sociedade, foi com a ideia de que ia ter uma missão. Muito dificilmente nos anos 70 alguém ia para a Sociologia a pensar que ia fazer ciência nas universidades. É verdade que depois veio logo o desencanto. Basta estarmos um ou dois anos na universidade para perceber que não é assim. Eu fui para Sociologia a pensar que, com fundamento, eu era capaz de contribuir mais para a sociedade. Eu acho que esse é uma espécie de pecado infantil do sociólogo. E dificilmente o sociólogo deixa essa costela de lado. A verdadeira prova de um sociólogo é quando ele quer provocar uma situação e ela acontece.

O que é que gostaria de ter feito em termos de projetos de ensino que não chegou a realizar? Que sonhos é que ficaram

“Os métodos são muito bons como disciplina. São muito maus se a gente os elegeu como os únicos companheiros de viagem.”

por cumprir?

Eu estive ligado à criação de vários cursos. Mas dificilmente desejaria criar um projeto de ensino que fosse mais compensador do que o Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura (MCAC). Em poucos anos, este curso adquiriu um património de conferências, de encontros, de iniciativas e criou um público que tem uma identidade. Os candidatos do MCAC têm um perfil. Acho que isso é uma das coisas mais bonitas que um projeto de ensino pode ter. Penso que não conseguiria ter contribuído para um curso melhor do que esse. Só tenho pena de que não haja algo correspondente em doutoramento.

As funções diretivas que teve também o realizaram ou essa é a parte que dispensaria no seu currículo?

Essa parte é um bocado esterilizante. Ser diretor é um cargo que permite fazer coisas que fazem a diferença no funcionamento de um departamento e de um curso. Mas ser diretor é um cargo muito ingrato. Trabalha-se imenso, está-se muitas vezes no fio da navalha e pior... incompatibilizamo-nos com pessoas. E muitas vezes não temos outra solução senão incompatibilizarmo-nos com pessoas. Mas é uma atividade que é necessária, que deveria ser mais valorizada e mais apoiada. Às vezes distribui-se trabalho e, passado um ano, as pessoas não fizeram nada do que se lhes pediu. Nós deixamos muito só um diretor de departamento.

Foi o professor que gostaria de ter sido?

Fui. Menos nos últimos tempos [por razões de saúde]. Para mim, um professor é um agitador de consciências. É alguém que não deixa as cabeças tranquilas. E eu muito cedo ganhei essa fama, de ser um professor que pensava diferente e que estimulava os alunos de maneira diferente, que os tirava do sossego. Em muitos aspetos, acho que fui um agitador de consciências e procurei ser um professor inovador. Fiz até algumas coisas exageradamente, como cultivar a ironia na sala de aula. As minhas aulas são extremamente irónicas e provocadoras, são muito disfarçadamente teatrais. ☺

“Temos de nos deixar penetrar pelos ambientes”

Esteve ligado à criação de vários cursos em todos os ciclos de ensino, desde a Licenciatura em Sociologia das Organizações [agora apenas Licenciatura em Sociologia]. O projeto de ensino que mais o realizou foi o do Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura (uma parceria dos Departamentos de Ciências da Comunicação e de Sociologia). Agora tem outros projetos. Está a trabalhar num livro sobre “a dupla face de Cristo”, fascinado com as imagens de Cristo estrábico, para além de colaborar com o projeto “Festivity”, coordenado por Rita Ribeiro. Em todas estas atividades continua sobretudo a deixar-se penetrar pelos ambientes.

Professores do ICS na direção de unidades culturais da UMinho

A nomeação tem efeitos desde novembro de 2021, mas só foi agora anunciada em Despacho Reitoral. José Gabriel Andrade, do Departamento de Ciências da Comunicação, foi indicado como responsável pela direção da Unidade Cultural Casa do Conhecimento. Manuela Martins, do Departamento de História, que dirige também a UMinho Editora, assume a responsa-



bilidade pela Unidade Cultural de Arqueologia. Aos dois docentes, junta-se ainda em funções diretivas de unidades culturais da UMinho Moisés de Lemos Martins, responsável pelo Museu Virtual da Lusofonia. Ao Conselho que coordena estas unidades preside Miguel Bandeira, professor do Departamento de Geografia, designado no final de fevereiro. ☉

Pedro Chamusca é o novo presidente da Associação Portuguesa de Geógrafos



É investigador auxiliar do CECS, doutorado em Geografia pela Universidade do Porto, e sucede a António Bento Gonçalves. Pedro Chamusca foi eleito com 90% dos votos para o cargo de Presidente da Associação Portuguesa de Geógrafos. Para o mandato que vai assumir, o investigador indicou seis eixos de intervenção: a organização interna e a projeção da associação, o apoio à tomada de decisão e elaboração de políticas, a internacionalização e a dinamização da oferta formativa. ☉

Nova direção do CECS valoriza a participação e a diversidade

Já está em funções a nova comissão diretiva do CECS, eleita no dia 6 de abril, com 43 dos 58 votos apurados no escrutínio. Os resultados foram homologados pela Presidente do ICS no dia 19. A equipa é liderada por Madalena Oliveira, do Departamento de Ciências da Comunicação, e integra como vice-diretores os investigadores Luís António Santos, do mesmo de-

partamento, e António Vieira, do Departamento de Geografia.

A nova direção definiu como princípios orientadores a participação e a diversidade, pretendendo “continuar a dinamizar uma unidade de investigação criativa, inovadora e plural. Com mais de uma centena de membros integrados, o CECS elegeu também os novos coordenado-

res de grupos de investigação. Felisbela Lopes passa a dividir com Alberto Sá a responsabilidade pela linha Média e Jornalismo. Rita Ribeiro, do Departamento de Sociologia, assume a condução do grupo de Estudos Culturais. Sara Balonas e Francisco Costa responderão pela linha Comunicação, Territórios, Organizações e Dinâmicas Sociais. ☉

ENSINO

Divulgação da oferta formativa

ICS aposta em criatividade e inovação para compreender a sociedade e a cultura

Com a aproximação dos períodos de candidatura a cursos de pós-graduação e do concurso nacional de acesso ao primeiro ciclo para o ano de 2022/2023, o ICS desenvolveu nas últimas semanas um conjunto de ações que visam dar a conhecer a oferta formativa dos quatro departamentos. Por iniciativa própria ou participando em organizações da Universidade do Minho, o ICS tem procurado divulgar um catálogo de cursos que inclui seis licenciaturas, 11 mestrados e seis programas doutorais.

Primeiro na Futurália, em Lisboa, depois na UPA, em Guimarães, e ainda na Qualifica, no Porto. O ICS é uma das 11 UO que acompanha

a reitoria na promoção dos 1º e 2º ciclos de estudos.

Numa articulação entre o Gabinete de Comunicação e o Conselho Pedagógico, o ICS dinamizou também uma sessão de esclarecimento online sobre os programas de 3º ciclo e fez sessões de apresentação dos cursos de Mestrado junto de alunos do 3º ano de Licenciatura. O Instituto retomou também o acolhimento de visitas de estudantes pré-universitários. Recebeu no dia 28, por exemplo, um grupo de 27 alunos da Escola Secundária



Créditos da foto: Daniela Oliveira

da Póvoa de Lanhoso, para um programa de uma hora e meia. ☉